



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**JOSÉ EDGAR MEURER
(depoimento)**

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-309

Entrevistado: José Edgar Meurer

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (Porto Alegre, RS)

Entrevistador: Eduardo Klein Carmona

Data da entrevista: 06 de novembro de 2012

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 40min 21seg

Páginas Digitadas: 17

Observações: Entrevista realizada como atividade da disciplina *Políticas Públicas e Sociais de Esporte e Lazer*, oferecida pelo professor Lauro Inacio Ely no segundo semestre de 2012 para o curso de Bacharelado em Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Estrutura física para o esporte e lazer de Porto Alegre (parques, praças, ginásios e centros de comunidade); orçamento para o esporte e lazer; projetos e programas desenvolvidos; gestão pública; recursos humanos e formação dos profissionais; política pública de esporte e lazer e política de avaliação da SME.

Porto Alegre, 19 de novembro de 2012. Entrevista com o secretário de esporte e lazer de Porto Alegre José Edgar Meurer a cargo do pesquisador Eduardo Klein Carmona para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

E.C. – Entrevista com o Secretário de Esporte, Recreação e Lazer do município de Porto Alegre, professor Edgar Maurer. Professor gostaria de saber, existe alguma política com relação à estrutura física dos parques, na capital, aqui em Porto Alegre?

E.M. – Existe Eduardo, existe uma estrutura física – como é que eu vou te dizer assim – uma preocupação com a estrutura física dos parques e praças de Porto Alegre que são administradas pela Secretaria Municipal de Esportes, porque nem todos são administrados por nós. Os que são administrados por nós são aqueles onde temos as nossas atividades, mas o único problema da administração desses parques é o orçamento da Secretaria, que é 0.36% do orçamento da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Isso aí representa 15 milhões e meio, sendo que 14 milhões desse dinheiro é custeio com pessoal; o 1 milhão e meio que sobra aí se paga a luz, se paga telefone, se paga a PROCEMPA, que é processamento de dados e as despesas que tu tens do dia-a-dia. Então, não sobra quase nada para a recuperação desses espaços. O dinheiro que sobra é mínimo. Mas, assim mesmo, se faz alguma coisa.

E.C. – A manutenção desses espaços, professor, é feita pela SME ou por outra Secretaria?

E.M. – Dependendo da manutenção que tu tenhas que fazer, por exemplo, uma manutenção das piscinas públicas, é uma manutenção que custa caro e aí nós contratamos empresas através de licitações para fazerem a manutenção dessas piscinas. Não só a pintura, como a parte elétrica, a parte de motores isso tudo nós fazemos contratações, nós não fazemos porque nós não temos mais mão de obra especializada para fazer esse tipo de serviço.

E.C. – A segurança, principalmente nos parques, se dá de formas com a Brigada Militar, como é que ela é?

E.M. – A segurança dos parques, é maioria de nossos parques de Porto Alegre, não tem segurança. Nem pública nem privada. A segurança, por exemplo, aqui no Parque Marinha do Brasil que é um parque muito grande, é um parque de oitenta hectares, mais ou menos, ela é feita pela Brigada Militar, periodicamente, e pela Guarda Municipal de Porto Alegre. O Parque da Redenção a mesma coisa, uma parte de lá é nossa o resto não é. Lá também, quem faz é a Brigada Militar e a Guarda Municipal. Não são todos os parques de Porto Alegre que tem esse privilégio de ter uma segurança, quase que assim, diariamente; são poucos os parques, são os maiores. Os maiores têm os pequenos não.

E.C. – Professor, assim, conta um pouquinho, de forma geral, como é que são os parques em Porto Alegre, a estrutura física deles.

E.M. – A estrutura física dos parques: na maioria tem quadras polivalentes de esportes, mas são todas de concreto, a maioria está em péssima condição de uso, não estão em boas condições de uso e tem os ginásios. Os ginásios que são nossos, administrados por nós, têm três ginásios muito bons. Os outros estão de regular para péssimo, em uma condição péssima. Os bons são o Ginásio Tesourinha, o Ginásio Lupi Martins e o Ginásio do Parque Araribóia. Aí os outros, dos centros comunitários, esses ginásios estão precisando de manutenção e uma manutenção muito grande; não é uma pequena manutenção, são vazamentos, são infiltrações, piso que já está apodrecendo, são centros comunitários que nos foram entregues e havia no convênio uma cláusula que dizia o repasse do dinheiro para a manutenção das piscinas públicas, desses ginásios e desses espaços públicos. Esse repasse nunca houve. Não existiu esse repasse. Então a Prefeitura, como eu já disse no início, ela tem um orçamento muito pequeno e é muito difícil de tu administrares tudo isso com este recurso, pago com o recurso que tu tens. Então, tem que se correr atrás de parcerias públicas, privadas o que é muito difícil quase ninguém quer investir na área do esporte, infelizmente, mas é isso aí.

E.C. – Professor, com relação aos recursos humanos, o pessoal que trabalha nesses parques e nessas praças de Porto Alegre, como é que essas pessoas chegam a esses cargos?

E.M. – Através de concurso público. É feito um concurso público para professora da área e as vagas são preenchidas por esses professores que fizeram o concurso público, tanto aqui

quanto na Secretaria da Educação. Como não houve, nos últimos anos, um concurso público dirigido especificamente para a Secretaria, então a gente procura pedir professor para a SME, que realizou um concurso há quatro anos; nós pedimos a cedência desses professores para ir alimentando a Secretaria. Se bem que nós estamos em uma defasagem de, mais ou menos, vinte e cinco professores já. Fora os que vão se aposentar aqui deste aqui para frente, fora os que tu não podes contar que é o dos que se exoneram. Então, assim, nós vamos ter um déficit, perto do fim do ano, de quarenta professores na Secretaria, mas, todos eles são concursados, todos, através de concurso público. Nenhum professor da Secretaria não passou por um concurso público. Todos passaram, sem exceção.

E.C. – A formação desses professores é em Educação Física?

E.M. – São profissionais da área de Educação Física, com Bacharelado ou Licenciatura plena, que era a anterior a de 2005. São esses professores que ocupam os cargos aqui na Secretaria. Não tem nenhum que seja Licenciatura.

E.C. – E o tipo de vínculo deles é?

E.M. – É estatutário.

E.C.- Estatutário.

E.M. – Estatutário. Eles têm um estatuto que eles têm que seguir, um estatuto. É como se fosse uma lei da sociedade civil, nós temos um regimento que nos rege, aqui dentro da Prefeitura. Um regimento que é dos funcionários municipais.

E.C. – E esses profissionais, eles buscam capacitações, a SME oferece?

E.M. – Eu posso te dizer assim... 70%, eu acho, que dos nossos professores aqui, ou tem pós-graduação ou tem mestrado ou tem doutorado. Todos são altamente qualificados aqui na Secretaria, são poucos os que não têm uma pós-graduação.

L.?. – 90% tem.

E.M. – 90%, olha a professora me corrigiu. Então, Eduardo, 90% tem algum curso de especialização.

E.C. – Então, já qualifica o atendimento.

E.M. – O quadro, como eu te disse, o quadro da Secretaria Municipal de Esportes é altamente qualificado. Tem vários professores aqui do quadro que são professores universitários, são professores que tem trabalho já feito; são professores universitários, professores que já defenderam tese em alguma atividade da área de Educação Física, são pessoas que estão sempre se capacitando, sempre fazendo cursos, sempre procurando se qualificar.

E.C. – Professor, com relação às políticas de esporte e lazer que existem em Porto Alegre hoje, existe uma política única? Ela está documentada? Conta um pouquinho.

E.M. – Ela é documentada. É o seguinte, Eduardo, quando mudou o governo, depois de dezesseis anos de predomínio do Partido dos Trabalhadores, que veio o Fogaça¹, ele ganhou a eleição pelo PPS² na época, havia alguns projetos dentro da Secretaria que na época o Secretário me chamou, porque eu era funcionário aqui há vinte e três anos; eu passei aqui dentro, eu fui funcionário de carreira e aí eu disse para ele que aqueles projetos que eram bons ele devia dar seguimento. E, claro, que ele tinha alguns projetos na cabeça dele que pôs em prática depois. Mas, aqueles projetos que foram bons, na época da Secretaria, nesses dezesseis anos de governo anterior, aqueles projetos foram mantidos e acrescentados outros projetos a esses que já existiam. Nós temos vários projetos dentro da Secretaria, nós temos em cada campo uma escolhinha, por exemplo, são atividades envolvidas pelas crianças nas periferias da cidade, com pessoas que são da comunidade, com orientação pedagógica de nós professores. [É isso professora? A professora me corrija.] Então, esse projeto ficou. O Brincalhão, que é um ônibus que é muito solicitado. Nós temos 365 dias no ano, esse ônibus atende quase, quatrocentas e cinquenta

¹ José Fogaça, prefeito de Porto Alegre de 01 de janeiro de 2005 a 30 de março de 2010.

² Partido Popular Socialista.

atendimentos no ano. Chega a atender duas vezes por dia. Então, é um ônibus que vai com cama elástica, perna de pau, um armário de roupas, cozinha montada. Isso aí, se leva nas comunidades e as crianças lá usufruem desse ônibus. Foi um projeto mantido pela Secretaria na área da recreação. Vamos agora acrescentar.

L.?. – O social...

E.M. – O Social Futebol Clube, esse aí foi criado no governo Fogaça para cá. São ex-jogadores de futebol contratados por uma cooperativa que tem um convênio com a Prefeitura e que também atende nas comunidades carentes de Porto Alegre, no turno inverso das escolas. Atende alunos, de preferência das escolas municipais no turno inverso. Tem o Social Esporte Clube, que são vagas, que são oferecidas por dezesseis clubes de Porto Alegre nas suas diversas modalidades, as crianças são encaminhadas aqui, nós vemos, mais ou menos, onde ela mora, qual é o clube mais perto, o que ela quer fazer. Tem alguns clubes que oferecem judô, basquete, voleibol, ginástica e natação, têm outros que oferecem patinação, capoeira, futebol de salão ou futebol de campo. Então, são várias modalidades que as crianças são dirigidas, alguns, nem todos, recebem o cartão TRI³. Eles têm um cartão que podem se deslocar, através do transporte urbano de Porto Alegre, para ir fazer sua atividade nesses clubes. Nós temos alguns atletas – que não é esta finalidade da Secretaria, não é a formação de atletas – é encaminhamento para alguma atividade que seja esportiva e que seja de inclusão socialmente. Mas, óbvio que nessa pesquisa, às vezes, surgem alguns que se destacam e esses aí, nós temos quatro ou cinco já a nível nacional e até internacional, disputando algumas modalidades que foram encaminhados através desse projeto. Tem a Clínica Pública de Fisioterapia. A clínica atende as pessoas que participam de todos os nossos projetos em todos os nossos centros comunitários e nas praças e parques, qualquer lesão que elas tenham e quiserem usar a nossa clínica, elas são encaminhadas para a clínica e são atendidas gratuitamente dentro da clínica. Tem o Esporte dá Samba é um projeto que não é muito do meu gosto - que as pessoas não ouçam aqui, só ouçam o gravador [PALAVRA INAUDÍVEL] que é um projeto que a assessoria comunitária da Secretaria atende, ela não atende só no carnaval, ela atende de um período de junho, julho do ano ela começa a formação da bateria, a escolha do samba enredo, mestre sala e porta bandeira, confecção de fantasias e aí vai até o dia do desfile de

carnaval. São, em torno, de 3500 crianças que desfilam no carnaval neste dia. Tem o Bonde da Cidadania é aquele Bonde que recolhia as crianças nas sinaleiras, eu não sei se tu conheces. É um bonde que na verdade não é um bonde, é um ônibus e esse ônibus, três vezes por semana... ele saía agora, ele já não está fazendo mais o papel dele, nós estamos até repensando no papel, ele recolhia aquelas crianças que eram “pedinte” nas sinaleiras e levava para alguma atividade esportiva, alguma atividade de cultura, alguma atividade de lazer. Hoje, nós já não vemos quase crianças em sinaleira, agora tu ó vês adulto pedindo. Essas crianças agora estão freqüentando mais os centros que as entidades mantêm que a FASC⁴ mantêm que a FASE⁵ mantêm. Então, o ônibus vai lá, pega as crianças nesse centro, leva para fazer as atividades que tem fazer e volta e a finalidade do bonde deixou de existir. Nós estamos repensando que o bonde deva o ano que vem fazer este caminho de buscar as crianças, mas não nas entidades e sim nas suas vilas, nos seus bairros onde moram, acompanhados de lideranças comunitárias que vão para algum lugar, que ofereça alguma atividade física para eles ou atletismo ou basquete ou voleibol ou natação ou futebol ou futsal; eles vão desenvolver alguma atividade física durante a semana, certo? E aí, se leva de volta para a comunidade, se dá um lanche e se leva de volta para a comunidade, se sabe que essas crianças são desnutridas, a maioria, às vezes, não tem o que comer. Então a nossa proposta é - porque não adianta tu querer fazer com que a criança faça uma atividade física como estômago vazio - tu não vai conseguir. Ela vai dormir, vai estar em um canto, vai estar cansada. Se ela não tiver uma boa alimentação tu não vais conseguir nada, então, o que se pensa: em se dar algum lanche reforçado para eles e que eles venham a desenvolver uma atividade física, porque não é à toa que tu descubres um Usain Bolt ou uma Daiane dos Santos, ou uma Nádia Comaneci - que era do meu tempo não é do teu - ou uma Maurren Maggi, não é por acaso que tu descobre. Indo buscar, pesquisando, tu imagina no Brasil que é um país de 190 milhões de habitantes quantos talentos, neste país, tem espalhados aí que não foram descobertos e não foram lapidados. Tu pegas um diamante bruto e tu lapidas ele, ele se torna uma peça famosa e cara! E quantos diamantes têm espalhados por esse Brasil afora? E a maioria na periferia na periferia da cidade, a maioria é lá... Eu tinha um professor Húngaro, que eu fiz faculdade no IPA⁶, era o meu professor de atletismo o Alexandre David e ele dizia assim: “Olha,

³ Referência ao transporte público de Porto Alegre

⁴ Fundação de Assistência Social e Cidadania

⁵ Fundação de Atendimento Sócio-Educativo

⁶ Instituto Metodista Porto Alegre, hoje denominado Centro Universitário Metodista

quando vocês quiserem descobrir atletas, não só no atletismo, como em outras modalidades, vocês têm que começar a interiorizar o teu afazer. Tu tens que ir lá comunidade, tu não tens uma pista corrida, mas tu tens uma rua que é sem calçamento e ali tu podes fazer uma quadra, uma pista de 100 metros rasos. Tu não tens uma caixa de areia para salto, mas tu podes fazer um salto na grama. Então, é um trabalho que tu tens que sair para fazer, não pode ficar esperando aqui no parque, sentado em uma cadeira que os alunos vêm a ti, tu tens que buscar. Então, essa idéia do Bonde agora. O ano que vem, se nós continuarmos com a política que teve até agora, é o Bonde sair e buscar esse povo lá na sua comunidade, trazer para fazer alguma atividade física, dentro da praça pública e que se descubra aí. Não é a prioridade da Secretaria descobrir talentos – a Secretaria pensa na inclusão social, ela pensa na pessoa e na formação do ser, não pensa em fazer atleta, não é assim, a nossa meta não é essa. Mas, se pintar, se ele surgir, nos vamos encaminhar para um clube. Tá Eduardo.

E.C. – Sim. Professor, dentro dos parques, dentro dos principais parques de Porto Alegre, quais são os projetos mais atuantes assim? Nesse momento.

E.M. – O projeto mais atuante, dentro dos nossos parques ele se concentra mais dentro do Ginásio Tesourinha, hoje. As atividades são desenvolvidas lá, é onde nós temos o maior número de clientela. É dentro do Ginásio. Que é um lugar muito bom, um lugar muito apropriado, mas nas outras praças e nos outros locais, diversifica muito, dependendo do bairro, dependendo da região ele é muito diversificado. Hoje, na verdade, a Secretaria está mais atendendo a terceira idade do que a infância e a adolescência. O jovem, hoje, não está procurando muito. Ele fica mais em casa, acho que jogando no computador ou mexendo na *internet*, ou seja lá fazendo alguma coisa, que seja eletrônica do que fazer uma atividade física. Inclusive, eu não sei o que pensam essas pessoas lá de cima, que queriam diminuir o número de aulas de Educação Física na escola. Queriam tirar de duas para uma e nós queremos aumentar para três. Porque, hoje, tu sabes que a síndrome do mundo inteiro é obesidade e tu não fazeres nada, passar dia, ser uma pessoa obesa e sedentária. Então, está aí, está provado já através de pesquisas que daqui mais uns vinte anos, vinte e cinco anos – eu coloco água sempre para eu beber aí – nós pais, vamos ver os nossos filhos morrendo e não o natural, que hoje é os filhos verem os pais morrendo, não, vai ser o inverso. Os pais vão ver os filhos morrendo, por quê? Porque está aí, obesidade, sedentarismo, cada vez

mais, porque as pessoas estão não praticando mais uma atividade física, por isso morre gente jovem, os idosos estão. Tanto é que a nossa clientela hoje, eu acho que 65%, 70 % são pessoas da terceira idade e não são jovens. Então, eu acho que é isso aí Eduardo.

E.C. – Professor, na sua concepção, o que o senhor considera como um parque?

E.M. – Um parque?

E.C. – É.

E.M. – Na minha concepção?

E.C. – É.

E.M. – Tu queres dizer um parque para a prática da atividade física ou um parque para eu passear, fazer o meu lazer, minha recreação no fim de semana? Se for um parque completo, eu acho que é um parque que tem que ter muito verde, muita árvore, ser limpo - depois eu vou te dizer por que- ter um campo de futebol para uma atividade física, ter equipamentos apropriados para as pessoas poderem se exercitar, com o acompanhamento de um profissional da Educação Física. Eu estou dizendo isso porque eu tenho plena certeza, que atividade, hoje e do futuro, vai ser a do profissional de Educação Física, vai. Nós estamos com tudo na mão para crescer, então, eu acho que o parque tem que ter assim, um equipamento de musculação para a pessoa fazer uma atividade física, ter uma quadra de basquete, uma quadra de vôlei, ter equipamentos que sejam para a prática esportiva. Esse, para mim, seria um parque ideal. Primeiro lugar ele tem que ser limpo e as pessoas terem cuidado para ele ter segurança. Bom, segurança hoje é tudo, todo mundo discute a segurança. Então, tu entras ali no CETE, tu conheces o CETE? O Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

E.C. – Sim.

E.M. – Ali tu te sentes seguro, ele é todo cercado, ele tem estacionamento, ele tem uma segurança, ele tem professores lá para acompanhar o teu dia-a-dia, então, eu acho que um

parque tem que ter segurança e ter limpeza. Eu caminho todos os dias, Eduardo, eu te digo que, aquela parte da limpeza eu vou te dizer agora por que: eu moro em Viamão e tem um lago na frente da minha casa e as ruas são todas de areia, elas não são nem calçadas ainda. Estão começando a calçar algumas lá perto. E eu caminho todos os dias ali na volta e hoje de manhã, depois de um fim de semana e de um feriado, que as pessoas acharam esse lugar, por isso que tu me perguntaste de um parque, eles acharam que eu Viamão, como tem muito [PALAVRA INAUDÍVEL] aquele lago, aquela mata na volta do lago, eles acharam ali um lugar ideal para os seus dias de lazer e de descanso. Então, eles vão para lá, tomam um banho, pescam, só que o que deixam de lixo. Hoje de manhã eu arrecadei sete ou oito sacos de lixo, eu caminho e durante a minha caminhada eu vou juntando. O que eu não posso juntar, eu queimo, não é o ideal é até não recomendável, mas eu não tenho como levar e não tenho para onde levar e sei que não vão recolher e que vão atirar para dentro do lago, principalmente, garrafa pet. Então, eu queimo tudo. O que eu posso levar, eu levo, o que eu não posso, eu queimo. Então, eu digo para ti isso, porque tu me perguntaste o que é um parque ideal para mim: é isso! Ele ser limpo, ser conservado e as pessoas respeitarem. E ter os equipamentos necessários para uma atividade física, que dê uma melhor qualidade de vida para uma população. Esse que eu acho que é um parque, o que um parque deve ter.

E.C. – Professor, dentro do município de Porto Alegre, qual é a diferença de um parque para uma praça?

E.M. – Os parques e as praças eles são... É dado o nome de parque e praça pela medida que eles têm. É pela área que eles têm, é uma área. Eu não sei te dizer qual é a área, mas é uma área, por exemplo, a Praça Darcy Azambuja, que é lá na INTERCAP, não sei se tu conheces?

E.C. – Não.

E.M. – Na INTERCAP é uma praça bem grande e eles querem dar o nome de parque. Tem que passar pela Câmara de Vereadores para alterar a denominação, mas só pode ser alterado se estiver dentro daquelas medidas padrões que a Prefeitura exige que eu não sei te dizer as medidas aqui, porque não é a minha área.

L.?. – Quem faz isso é a SMAM⁷.

E.M. – Quem faz isso é a SMAM. Então, o parque e a praça, eles são diferenciados pelo seu tamanho ou a sua área.

E.C. – Eu digo isso porque o Araribóia tem uma dimensão de um, na minha concepção, seria uma dimensão de uma praça e é considerado, Parque Araribóia.

E.M. – Eu fui professor lá de 1979 a 1982. Eu que fundei a associação lá do parque, quando eu estive lá. Foi lá que eu comecei a minha vida de professor. Foi ali no Parque Araribóia.

E.C. – Ah, hoje o Parque Araribóia é um dos exemplos.

E.M. – É, eu estive lá ontem, na final do campeonato. Eles chamam o Parque Araribóia de Maracanã da Várzea.

E.C. – [riso]

E.M. – Porque todo mundo que jogar lá. Entendeu? Todo mundo quer jogar lá. Por pior que seja aquele campo de [PALAVRA INAUDÍVEL] todo mundo quer jogar no Parque Araribóia. Eu não entendo, eu não consigo entender.

E.C. – Deve ter alguma coisa além.

E.M. – Tem alguma coisa além, porque quando eu comecei a minha vida... Olha bem como é, Eduardo: quando eu fui menino, que eu tinha 10 ou 11 anos, que eu me mudei, mais para cima de Porto Alegre, porque eu morava lá perto da Santa Cecília e me mudei mais para cima, lá perto do Cinema Ritz, eu comecei a jogar no Parque Araribóia. Eu tinha 11 anos, eu jogava futebol de salão. A quadra era de “areião”, não era nem de cimento, nem de asfalto, era areião. E aí, depois, eu vim ser professor no Parque Araribóia. Então, agora eu

⁷ Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

estou toda a hora lá. Ontem eu estive lá, ainda, na final do Campeonato Municipal de Futebol de Várzea. Que mais, Eduardo?

E.C. – Professor queria saber, dentro do que o senhor já comentou sobre as políticas de esportes para a cidade de Porto Alegre, o que é em ênfase é o esporte de participação e o esporte educacional. O de rendimento, seria um terceiro momento, casou houvesse...

E.M. – Seria um *plus* o de rendimento. É que no estatuto da Secretaria, no regimento, não tem previsto o atendimento a desporto de rendimento. Mas, nem por isso, nós deixamos de fazer. Nós fizemos o Campeonato Municipal de Vôlei, nós fizemos o Campeonato Municipal de Basquete, nós fizemos o Campeonato Municipal de Futebol de várzea, fizemos o Campeonato de Futebol de Salão, fizemos o Campeonato de Handebol e para tu teres uma idéia, Eduardo, os nossos campeonatos estão sendo disputados por varias equipes do interior do estado do Rio Grande do Sul. Ele é considerado hoje, um campeonato melhor do que os que as Federações organizam. Tem muito mais equipes disputando o nosso em um nível muito alto, do que das Federações Esportivas, que são as respectivas responsáveis. Por exemplo, no voleibol masculino, tem equipes que vem de Santa Maria, Lajeado, de Caxias, de Estrela, ou de Montenegro, Novo Hamburgo, tudo jogar aqui. Basquete, não tanto assim abrangente, mas vem de Lajeado, vem de Canoas, vem de Cachoeirinha, vem de Caxias e vem disputar o nosso campeonato aqui. Porque são muito organizados, são apitados pelos árbitros de Federação, não são pessoas como era antes, agora a arbitragem é oficial das Federações e os campeonatos são muito bem organizados. Se tu fores a um campeonato nosso de... Tanto é que nós tivemos que criar no vôlei masculino, duas categorias, a A e a B, porque era muitas equipes disputando a A e nós tivemos que diversificar, então tem aquela qualificação, tipo campeonato Brasileiro quem classifica lá na B sobe, que fica em último na A cai e assim. No voleibol masculino aconteceu isso. Então, a Secretaria faz atividades desportivas de rendimento, mas não é essa a finalidade da Secretaria, a finalidade é a formação do cidadão e a inclusão social, nós estamos muito preocupados com a formação da pessoa e não com o rendimento da pessoa.

E.C. – Professor, quando se cria uma política para o Esporte e para o Lazer em Porto Alegre, quem é que participa desse processo de criação?

E.M. – Do?

E.C. – Do processo de criação de uma política assim.

E.M. – Olha normalmente Eduardo, as políticas de esportes, elas vêm já pré-determinadas pelos partidos que [PALAVRA INAUDÍVEL] que é um erro. Eu sempre digo isso que é um erro. Eu acho que quem deve criar as políticas públicas de esportes para a cidade de Porto Alegre é o grupo de professores da Secretaria que é quem conhece a realidade e realmente o que a população de Porto Alegre precisa, são eles conhecem, não as pessoas que vem ocupar esses cargos aqui. Eu não sou Secretário, eu estou Secretário. Amanhã pode ser outro. Mas, eu sou da área, sou profissional de Educação Física, eu trabalhei aqui vinte e três anos, eu tenho muito respeito pela minha categoria, são eles. Então, eu acho, que quem deveria definir a política pública de esporte para a cidade é o grupo de professores da Secretaria e não a política pública de um cargo político que vem ocupar aí, entendeu? Que vem um vereador ocupar – “ah, eu vou criar o campeonato de bolinha de gude” – não, não. Ele não conhece, ele não sabe. Ele não sabe o que se está desenvolvendo em Porto Alegre, o que se está realizando, o que está se fazendo de bom, de ruim. O Lazer e Saúde, por exemplo, nós temos o projeto aqui que eu me esqueci de te dizer, que já vem das outras administrações, que o Lazer e Saúde. São os professores que cuidam da saúde da população e acompanham, no dia-a-dia nos parques e praças, a pressão arterial, batimento cardíaco, alimentação, medicação. Eles tem ficha de cada indivíduo, então, eu acho, que quem deve definir a política pública de Esportes e de Lazer, Recreação é o grupo de professores. Não mais do que isso.

L.?. – Tem as Conferências Municipais também, que são demandas que a população traz.

E.M. – É, aí são demandas que a população traz. Então, eu acho isso. Eu acho que nós, profissionais da área, que devemos determinar e definir o que é o melhor e o que não é para a população.

E.C. – Professor, apesar da verba assim, ser bem restrita para a administração desses parques e dos espaços para o esporte e Lazer em Porto Alegre, como é feito o repasse para cada local, assim, de acordo com as demandas de cada local, como é que é feito?

E.M. – As demandas são atendidas aqui de acordo com a coordenação de cada local, o que eles pedem. Não vai dinheiro para eles, funcionário público não mexe em dinheiro, é proibido. Então, eles vêm com as demandas aqui: “ah, preciso de bola de futebol, preciso...” e a Secretaria compra, quando pode e aí, esses pedidos são atendidos. Não é só bola, são colchonetes, é trave, é tabela de basquete, é poste de vôlei, é colchonete, é tatame, enfim, é todo aquele equipamento que nós precisamos para desenvolver um trabalho. Som, aparelho de som, aparelho de DVD, aparelho de CD, computador, nós vamos comprando de acordo com o que nós podemos, nós damos o passo de acordo com as pernas. Nós vamos procurando fazer é como eu te disse: tem dificuldades? Tem, e muita. As dificuldades são enormes, mas nós vamos tentando fazer. Por exemplo, eu vou te dar um exemplo bem forte. O equipamento de musculação do Ginásio Tesourinha está em péssimas condições de uso, mas está funcionando, mal, mas, funciona. Vamos comprar um equipamento novo, vamos comprar um equipamento novo. Como é que nós vamos fazer para comprar? Bom, nós não temos dinheiro, então a associação... Tem uma associação dentro do ginásio. Essa associação cobra uma mensalidade semestral das pessoas que frequentam, cobra das pessoas que podem pagar, os que não podem pagar, não pagam e continuam fazendo suas atividades. Essa mensalidade são R\$ 30,00 por semestre, dá R\$ 5,00 por mês. Parte desse dinheiro tem que vir para o fundo municipal de esportes, porque tem um fundo que é administrado pela Prefeitura. E parte desse dinheiro, fica lá no ginásio para a administração da associação lá, compram lâmpadas, material de limpeza, alguma coisa que quebre. Então, esse ano eu liberei o dinheiro para não vir para fundo, foi ficando lá e o ginásio foi alugado, duas ou três vezes. Quando ele é alugado para empresas privadas ele fica pagando um aluguel de R\$ 5.000,00 por dia. Então, esse dinheiro eu também liberei para a associação. Aí, por fim, houve a corrida do Bradesco agora no mês de outubro. Todo o dinheiro arrecadado das inscrições da corrida do Bradesco é destinado para alguma entidade que a Secretaria indique. As duas primeiras vezes eu indiquei o próprio fundo municipal, porque o fundo gera recursos para que nós desenvolvamos atividades sociais da Secretaria. Agora, este ano, eu resolvi destinar o dinheiro para a associação do Ginásio Tesourinha para aquisição dos equipamentos de musculação. Hoje

eu tive o retorno, o Bradesco está nos repassando, essa semana, R\$ 32.000,00 de inscrições, que foram arrecadadas aqui para o fundo lá do Ginásio Tesourinha, para a associação. Com esse dinheiro nós vamos comprar os equipamentos que já estão orçados em R\$ 67.000,00, nós vamos comprar. Hoje já está indo a pessoa lá fazer o levantamento do que precisa, do que pode ser comprado. Mas, o valor é de aproximadamente de R\$ 65.00,00 a R\$67.000,00. É assim que nós conseguimos, às vezes, as coisas. Não é só o 0,36%. Tu tens que ter criatividade, tu tens que buscar, tu tem que ir atrás. Eu loco um campo aqui para a RBS⁸, várias vezes ela locou este ano, R\$ 7.000,00 por dia, o dinheiro vai para o fundo. E do fundo, nós fazemos o dia-a-dia da Secretaria.

E.C. – Professor, e parcerias com empresas privadas elas existem?

E.M. – Existem, existem. Essa escola de carnaval, por exemplo, não é de graça que ela sai, não é só o dinheiro do público, não é só o dinheiro da Prefeitura. O sindicato e a construção civil [PALAVRA INAUDÍVEL] não é dinheiro, nunca pede dinheiro. Eles me dão assim, R\$ 5.000,00 em compras, eu posso comprar até R\$5.000,00 de material que eu precise, ferro, tinta, pincel, material elétrico para colocar a escolhinha na rua. O SINDILOJAS, o Sindicato das Lojas, dos lojistas, me dá R\$ 1.500,00 em material, sapato, tecido, couro, o que precisa para colocar nas crianças para a escolhinha sair. A Agafarma⁹ me dá o carro alegórico. O carro alegórico custa R\$ 20.000,00, então, eles pagam as pessoas que confeccionam o carro para nós e compram, ainda, instrumentos, que estejam faltando. Deram-nos aí, um lote grande de instrumentos agora. A ATP, Associação dos Transportadores de Passageiros de Porto Alegre... Eu não tenho o ônibus para transportar toda essa gurizada e eu tenho que levar eles, e depois levar para casa, levar para a avenida e levar para casa, a ATP me dá 15 ônibus.

L.?. – São 3000 crianças...

E.M. – Para o desfile, fora os ônibus que vão ser usados durante a semana para os ensaios, eles também me dão. Todos os fins de semana, dois ônibus. A Carris¹⁰ me dá mais vinte ônibus, são trinta e cinco ônibus, então, eu estou te dizendo, como tem umas parcerias, são

⁸ Grupo RBS, Rede Brasil Sul de Comunicação.

⁹ Rede Agafarma de Farmácias.

poucas? São. Mas, são benéficas? E muito para nós que não temos nada. Quem não tem nada, R\$ 1,00 faz diferença. Agora, comprei um placar para o Ginásio Tesourinha, eu fui buscar dinheiro na Fundação do Esporte do Estado do Rio Grande do Sul: R\$ 20.000,00 fiz um convênio eles me deram o dinheiro comprei o placar. Vamos colocar um placar novo, agora, no Ginásio Tesourinha. Então, é assim. Eu vou vivendo, eu vou pedindo, como eu digo, vou com um pires na mão pedindo um pouquinho aqui, um pouquinho ali, um pouquinho lá e vou conseguindo. Às vezes, até na própria Prefeitura eu consigo, tem um comitê gestor, que é o que gere toda a Prefeitura e de vez em quando, eu vou lá, choro um pouco e eles me dão um pouquinho a mais de dinheiro. Então, eu vou vivendo assim, Eduardo.

E.C. – Professor, com relação às políticas de avaliação dos projetos que são desenvolvidos nos parques e no âmbito geral assim, do esporte e lazer em Porto Alegre, como é que se dão essas políticas de avaliação?

E.M. – Isso aí e a parte pedagógica já. A professora Lisi pode te dizer, mas o que eu tenho conhecimento, que eu participo que eu participei, aliás, porque eu não participo mais, eles têm reunião semanal, é isso professora?

L.?. – Sim.

E.M. – Todas as segundas-feiras, com os professores e tem reuniões com os coordenadores. Eles fazem as avaliações lá, deles, nas reuniões e debatem lá os contras e os pros. O que deu errado? O que deu certo? Dá para continuar ou não dá para continuar, se deve ou não, às vezes, nós contratamos um especialista na área, palestras, cursos e funciona, vai funcionando, o pedagógico, graças à Deus, funciona bem. Eu tenho uma gerência geral aqui que administra tudo isso e o que não dá certo, ou tu corriges ou tu colocas de canto. E aí, vê o porquê não deu certo, valia o que deu errado, o que não deu errado, por que deu errado, faltou dinheiro, não faltou. Avalia-se, o grupo de professores que avalia, não sou eu. Eu que dou o “amém” aqui, assina aí e eu assino embaixo.

¹⁰ Empresa pública de transporte coletivo.

E.C. – E para construir essa política de avaliação assim, interna, essa já é feita dentro da Secretaria Municipal de Esportes?

E.M. – Ela só é feita aqui dentro, a avaliação. A avaliação externa normalmente é feita, agora, no tal de Orçamento Participativo. Eu participei de quase todos eles, então, lá tu ouves os clamores das pessoas e tu ouves as reclamações e os prós e os contras. Eduardo, eu vou te confessar, do esporte é muito pouco o que eles falam. Eles falam da segurança pública, eles falam da saúde, eles falam da casa, eles falam da escola, eles falam da creche, da rua que não tem calçamento, da segurança que não tem. Quando um fala do esporte, pode falar mal, mas eu fico satisfeito de estar lá e ouvir uma pessoa, pelo menos, falar do esporte. O esporte, tu vais às reuniões do Orçamento Participativo, é onde a população fala, o esporte é a décima prioridade deles, décima, décima primeira. As demandas são muito poucas, o que eles pedem é muito pouco. Da área da recreação e do lazer. Eles mais pedem da saúde, do transporte, da habitação, da segurança, da pavimentação, da moradia, da cultura e do esporte é lá, sabe? Então, a avaliação interna é feita aqui dentro e a externa nós vamos ouvir a população de Porto Alegre. É isso que nós fizemos.

E.C. – Professor existe alguma coisa que eu deixei de falar nessa entrevista que o senhor gostaria de deixar?

E.M. – Olha, Eduardo, eu acho que tu abrangeste bastante alguns temas bem interessantes nessa tua entrevista aí, eu não sei se tu deixou de observar alguma coisa, a não ser da importância do profissional de Educação Física, da qualificação do professor. Tu perguntaste, mas eu quero te dizer assim: eu me sinto muito orgulhoso de ser professor, de ser um profissional da área, porque tem um grupo dentro da UFRGS¹¹ que tem uma resistência quanto ao registro da categoria no Conselho Regional de Educação Física ou no Conselho Federal, seja lá onde for. Eu não vejo o porquê essa resistência das pessoas quererem ser registradas e não serem registradas e não lutarem pela sua categoria e a sua profissão. Eu sou um cara que luto muito, inclusive eu faço parte do CREF, eu sou conselheiro e nós vemos lá que dentro das Universidades Públicas, existe até um grupo, contra a regulamentação da profissão, contra o registro da profissão. Eu não sei porque essa contrariedade contra o registro, eu não consigo entender. O médico tem que ter

CRM¹², o advogado tem que ter a OAB¹³, o engenheiro tem que ter o CREA¹⁴, por que nós não podemos ter o registro? Se todas as categorias, de todas as profissões, são registradas fisioterapeuta, enfermagem, enfim, tudo contabilista, contador, economista, administrador, todos têm, é obrigatório e tem uma parte das Universidades Federais que é contra a categoria, contra ao registro da categoria, do Conselho. Isso aí, não é o que tu me perguntaste e não é o tema da discussão é um desabafo meu. Como profissional, porque, eu gosto do que faço, eu acho que nasci para ser isso e vou morrer sendo da classe, do professor.

E.C. – Professor, como esse espaço era aberto, então, o senhor poderia falar o que quisesse.

E.M. – Eu tenho orgulho de ser professor, entendeu?

E.C. – Eu posso dizer que eu também tenho o meu. Agora, daqui a pouco, me formo duas vezes professor.

E.M. – Duas vezes, licenciatura e bacharelado.

E.C. – É verdade.

E.M. – Dois em um. Nós fizemos o um em dois... Nós fizemos a Licenciatura plena e eu fiz em três anos ainda, uma vergonha, três anos é muito pouco. Pouquíssimo. Mas, era o currículo da época e eu obedecia o que estava escrito. Fala, Eduardo.

E.C. – Professor, então, eu gostaria de agradecer a sua participação.

E.M. – Se faltar alguma coisa, Eduardo, pode me questionar por e-mail, por onde for. Vou te dar um cartão meu, tu me questiona e eu te passo alguma coisa que tenha faltado, alguma coisa que tu tenhas deixado de perguntar. Qualquer coisa.

¹¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹² Conselho Regional de Medicina.

¹³ Ordem dos Advogados do Brasil.

¹⁴ Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

E.C. – Tá ok! Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]